

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**

**22<sup>a</sup> REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA  
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 13:  
GÊNERO E IDENTIDADE NACIONAL**

**Coordenadores:**

**Maria Angelica Motta Maués (UFPA)  
Lady Selma Ferreira Albernaz (UFPE)**

Esta proposta tem por objetivo pensar sobre a identidade nacional e o lugar dado à relações de gênero. Novas reflexões sobre o tema fazem-se necessárias para problematizar como este aspecto, que tomam grande dimensão na identidade nacional, foi e é tratado; e sua repercussão na atualidade ao informar a população sobre o que é ser brasileiro/a, como também o pertencimento a outras etnias. Novas abordagens já circulam na antropologia brasileira, que articulam as duas dimensões, mas permanecem grandes lacunas em torno deste problema, como indicam alguns trabalhos já publicados (a exemplo de trabalho recente de Mariza Correa). Além disso, há um enorme silêncio sobre a produção das mulheres na área do pensamento social brasileiro, que se faz necessário desvendar se de fato há ausência da contribuição delas nesta área, ou se há poucas investigações sobre o tema. Um Fórum de pesquisa nesta direção poderia contribuir para aglutinar pesquisadores, aumentar a circulação deste debate e aprofundar a questão, até agora prioritariamente discutida no masculino.

## **1<sup>A</sup> SESSÃO (17/07)**

### **IDENTIDADE NACIONAL E RELAÇÕES DE GÊNERO NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO: CULTURA E ESTRUTURA EM OPOSIÇÃO?**

#### **Lady Selma Ferreira Albernaz (Unicamp/UFPE)**

O pensamento social brasileiro atual investiga o papel das relações raciais nas obras e autores clássicos que explicam a construção do Brasil e sua cidadania, entretanto sem discutir o papel jogado pelas relações de gênero na construção desta identidade. Este hiato entre raça e gênero parece guardar uma correlação com outra vertente contemporânea que classifica aqueles autores clássicos em duas modalidades principais: 1 – os que pensam o Brasil a partir da estrutura de classe, economia e política, os estruturalistas; 2 – e aqueles que pensam o país a partir dos conteúdos simbólicos que dão forma à identidade nacional, os culturalistas. A proposta deste trabalho é discutir até que ponto esta oposição existe de fato; e em que medida ela correlaciona-se com a ausência da dimensão de gênero, especificamente, na produção recente do pensamento social brasileiro que analisa a identidade nacional numa perspectiva das relações raciais.

#### **A “SOCIOLOGIA DOS SEXOS” EM CASA GRANDE E SENZALA**

##### **Andrea Brutto (Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFPE)**

Ao propor uma análise do sistema de relações patriarcais no Brasil, Gilberto Freyre apresenta um modelo de interpretação para as relações de gênero. Ao fazê-lo, aproxima-se metodologicamente das considerações atuais do feminismo pela preocupação em torno do imbricamento entre classe, raça e gênero. Sua análise concretiza-se através da articulação de elementos tais como: religião, linguagem, práticas terapêuticas, magia, arte mas, principalmente, com a sexualidade e a psique.

Para uma análise das idéias de Gilberto Freyre quanto às relações de gênero, contextualizamos a escrita e o autor nas ciências sociais brasileiras dos anos 30, mapeando internamente o livro e desenvolvendo reflexões acerca do modo pelo qual ele é tecido. Procuramos também explicitar a base conceitual e a interlocução bibliográfica do autor. Partindo destes elementos, apresentamos o que consideramos ser a percepção freyriana das relações de gênero.

## **PRESENCAS MARCANTES: ESBOÇO DE UMA ETNOGRAFIA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO TEATRO BRASILEIRO**

### **Heloisa Pontes (Unicamp)**

No lugar de trabalhar com a hipótese relativa à existência de um silêncio sobre a produção das mulheres na área do pensamento social, a comunicação pretende focar a presença delas em domínios-chaves da produção artística brasileira, como a pintura e o teatro. Para tanto, basta mencionar as presenças avassaladoras de Tarsila do Amaral e Anita Malfatti no modernismo brasileiro e a existência de um conjunto expressivo de atrizes que contribuíram decisivamente para o reconhecimento e, em vários casos, para a renovação do teatro brasileiro. Dercy Gonçalves, Dulcina de Moraes, Cacilda Becker, Fernanda Montenegro, entre muitas outras, são alguns dos nomes mais eloqüentes do teatro brasileiro. O exame das trajetórias dessas atrizes, por oferecer um dos exemplos mais bem sucedidos da importância das mulheres no interior de um campo de produção cultural, abre pistas instigantes para adensarmos a etnografia das relações de gênero a partir de novas chaves analíticas e de novos domínios de investigação.

Tal é, em linhas gerais, o objetivo geral dessa comunicação que deverá centrar-se na exposição de trajetória de Cacilda Becker, com o propósito de, por um lado, situá-la no contexto da renovação do teatro brasileiro, ocorrido a partir dos anos 40 e, de outro lado, compará-las às trajetórias de duas figuras importantes da história intelectual do período: Florestan Fernandes e Gilda de Melo e Souza. Ocupando uma posição em muitos aspectos análoga à de Durkheim na França, Florestan teve uma contribuição seminal no processo de institucionalização da sociologia acadêmica. Gilda de Melo e Souza, por sua vez, além de seguir a carreira universitária e conquistar um nome próprio, integrou um dos círculos intelectuais mais importantes da história brasileira, o Grupo Clima. Ao lançar mão da perspectiva comparativa será possível delinear melhor o entrelaçamento entre os condicionantes sociais, simbólicos e institucionais que conformaram a trajetória e o impacto diferenciado dessas três figuras no campo intelectual e das artes cênicas da época.

## **SAMBA: UM GÊNERO QUE FAZ DIFERENÇA**

### **Aécio Amaral Jr. e Josias de Paula Jr. (UFPE)**

O presente trabalho tem por objetivo perceber como se dá a construção discursiva das relações de gênero no samba brasileiro. Temos como preocupação situar o objetivo proposto numa perspectiva que contemple as inter-relações entre as noções de gênero e identidade nacional. O debate sobre gênero despontou na teoria social contemporânea como um dos principais referenciais para o redimensionamento da concepção hegemônica

dos processos de constituição da identidade. A sua contribuição consistiu sobretudo para a promoção do descentramento da categoria sujeito, e na esteira disso, tornou possível vislumbrar “novos” processos sociais constituintes de relações hierarquizantes, para além das classes sociais. Em decorrência, surgiu uma sensibilidade intersubjetiva atinente aos mais diversos mecanismos promotores da desigualdade social. Neste sentido, evidencia-se a pertinência da incorporação desse redimensionamento teórico na elaboração de uma nova abordagem da identidade nacional. Na medida em que o samba se constituiu historicamente como símbolo da identidade nacional brasileira, propomos investigá-lo como gênero discursivo que produz assimetrias nas relações de gênero. O trabalho será metodologicamente implementado através da análise das letras de samba que tratem de forma explícita das imagens culturalmente dispostas para o masculino e o feminino. Objetiva-se demonstrar que essas letras delimitam discursivamente uma posição de subordinação para o feminino. Com isso o samba é aqui concebido como documento de cultura edificante de uma representação de identidade nacional que privilegia a ótica do gênero masculino.

### **MÍDIA, GÊNERO E IDENTIDADE NACIONAL: O CASO DA PUBLICAÇÃO DOS TCHANS E DA (EROS) SEXUALIDADE BRASILEIRA**

**Ricardo Oliveira de Freitas (UFRJ)**

A presente comunicação pretende apresentar algumas considerações relacionadas à publicização e à popularização do gingado, rebolado e, por sua vez, da bunda, genitália e seios na mídia nacional (indústria turística, carnavalesca, fonográfica, publicitária, cinematográfica, televisiva e editorial) e de sua correlação para a criação de um clichê identitário baseado nos atributos do exótico, um retrato e imagem do Brasil (eros) sexualizado.

Nesse sentido, pretendemos ressaltar a contribuição desses novos produtos para a clichêização do corpo e gênero brasileiros, assim como, para a inauguração de novas formas de sociabilidade entre seu público-consumidor – desde a aparição da primeira ginga e rebolado brasileiros às atuais criações da axé music, pagode, forró eletrônico, boi-bumbá, etc., percebendo de que forma a articulação entre velhos e novos produtos mercadológicos corroboram o mito da formação racial e da miscigenação do caso brasileiro.

Vide a mulata e a nova “loirinha” que são as tais.

## **2º SESSÃO (18/07)**

### **A MULATA TIPO EXPORTAÇÃO: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA EM SHOWS FOLCLÓRICOS.**

#### **Sigrid Hoppe (UFF)**

Estereotipada, como possuidora de característico matiz de pele; corpo de formato sinuoso, onde a região inferior é ressaltada; comportamento volúvel e habilidade na técnica corporal específica do rebolado, a mulata é personagem central nos shows folclóricos exibidos para turistas estrangeiros. Ou seja, nestas ocasiões, a mulata é apropriada como símbolo de brasilidade. O presente estudo tem como objetivo analisar as maneiras pelas quais, produção corporal, conduta e *performance*, associadas à miscigenação e ao gênero feminino, atualizam algumas representações sobre nossa identidade nacional.

### **GÊNERO E IDENTIDADE NACIONAL ENTRE CARIOCAS E ESTRANGEIROS**

#### **Renata de Melo Rosa (Ceppac/Unb)**

Um grupo de mulheres cariocas têm em comum uma característica muito interessante: buscarem parceiros estrangeiros para fins de conjugalidade. E quem são esses estrangeiros? Segundo o relato das entrevistadas, eles devem ser necessariamente norte-americanos ou europeus. A partir deste panorama, o presente trabalho pretende focar em que medida a construção da identidade nacional coaduna-se à de gênero e, em alguns casos à de cor, e como estas categorias (quando juntas) são pensadas pelas mulheres pesquisadas.

Minha pesquisa partiu da observação de doze mulheres, cariocas, com idade entre 22 e 37 anos, “negras” e “brancas”, moradoras das Zonas Norte ou Oeste do Rio de Janeiro, que possuem ou estão cursando nível superior, a respeito do relacionamento “afetivo” que desenvolveram com estrangeiros “loiros de olhos azuis”. A partir de depoimentos de mulheres que passaram por este tipo de experiência, da análise das cartas trocadas, da observação dos anúncios nos jornais de intercâmbio internacional e da pesquisa em agências de casamento, a pesquisa conseguiu elaborar um “mapa” acerca das possibilidades desses encontros no Rio de Janeiro.

Percebi que o uso de determinadas “estratégias” visando o relacionamento com um estrangeiro remodela ou reestrutura as identidades de gênero, cor e nacional das entrevistadas. Tais identidades se articulam dentro da pesquisa, pois, a partir do momento que as mulheres assumiam a procura exclusiva por um homem estrangeiro, suas identidades de gênero foram reconstruídas tendo como referência a situação de outras

mulheres esposas de estrangeiros, consideradas e interpretadas pelas moças pesquisadas como prostitutas. Nesse caso, elas lançam a acusação que poderia perfeitamente recair sobre elas próprias, para as mulheres “sem instrução” ou que não dominam a língua do parceiro. A identidade de cor e a identidade nacional obedecem esta dinâmica relacional e hierarquizadora. A primeira é expressa através do ideal de beleza, circunscrita, por um lado, à imagem do homem loiro de olhos azuis e por outro, pela imagem de mulher “mestiça” e “quente”. A identidade nacional também é fonte de tensão para as entrevistadas, especialmente para as que moram ou moraram no exterior. Os países para onde elas vão são interpretados como superiores ao Brasil em muitos aspectos. Nesse sentido, a identidade nacional sofre variações de acordo com o local de moradia do momento. Quando estão no Brasil, as entrevistadas se pensam como estando fora dessa cultura nacional. No entanto, quando estão morando fora defendem sua nação e cultura.

### **FORÇA QUE MOVE ESSAS MULHERES? A TRAJETÓRIA DAS MULHERES NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DO FEMINISMO NEGRO**

**Eliane Borges da Silva (FACOM/UFBA)**

Atuando nos diversos segmentos dos movimentos sociais, as mulheres negras, na busca de uma identidade feminina que melhor atenda suas especificidades, alternam sua militância entre o movimento negro, o movimento feminista, até chegarem ao movimento de mulheres negras. Nesse trajeto constata-se que o intercruzamento das questões de gênero, raça e classe é fundamental na luta pelo fim da opressão. Nosso objetivo nesse trabalho é analisar como as histórias de vida dessas mulheres serão determinantes para a consolidação do movimento de mulheres negras e, mais especificamente, para a tecitura de um pensamento negro feminista que aglutine suas próprias diferenças.

### **A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DOENÇA DOS NERVOS ENTRE OS GÊNEROS**

**Alda Batista**

Este trabalho investigou, na classe popular, a organização estrutural da representação social do conceito da doença dos nervos, e como o gênero está associado a essa organização estrutural. A perspectiva teórico-metodológica baseou-se no paradigma das representações sociais e em estudos antropológicos que usam análises multidimensionais, tomando como ponto de partida os métodos e técnicas da antropologia cognitiva (Russel, 1994; D’Andrade, 1995; Lave, 1988, Amar & Cohen, 1999). Trata-se de um trabalho novo, utilizando uma metodologia nunca usada no Brasil e que propôs-se ampliar o trabalho de Luiz Fernando Duarte.

A análise dos significados da doença dos nervos demonstrou que os papéis e espaços culturalmente atribuídos a homens e mulheres geram diferenças na expressão das perturbações, que se mostram mais no corpo das mulheres e pelo comportamento dos homens.

## **ESTRANHOS OLHARES, BIZARRAS FIGURAS: OS VIAJANTES, A MULATA PARAENSE E A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL**

### **Maria Angelica Motta-Maués (UFPA)**

Em discursos produzidos por viajantes, jornalistas, literatos, artistas e “homens de ciência”, na virada do dezenove em Belém (PA), pontifica, em imagens que combinam o elogio e a detração, a figura da chamada *mulata paraense*. Acompanhando episódios pontuais desse processo – que, a rigor, pode ser desdobrado até este limiar de um novo século -, observa-se ênfases, interseções, deslocamentos, que permitem pensar essa personagem como fonte inspiradora e símbolo emblemático de nossa (indefinida/indecisa) identidade nacional. Na trilha de uma discussão que venho fazendo sobre isso, a idéia deste trabalho é lidar nessa discussão com as interpretações dos viajantes que, falando do Pará (nome dado a Belém na época), de sua gente de uma “confusa mistura” e, particularmente, das mestiças/mulatas de escuros olhos, fartos cabelos, pele acobreada e ricos atavios de ouro, mas também da lassidão dos costumes que a todos atingia, inspiraram as análises sobre o caráter e o perfil dessa mulher que, desde José Veríssimo e Nina Rodrigues, até as futuristas vinhetas de moderno viajante (?), nos perseguem.